

The perception of reality amid the COVID-19 infodemic

A percepção da realidade em meio à infodemia da COVID-19

Amanda Moura de Sousa^{1,2}, Luiz Pinguelli Rosa^{1,3}

¹Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

²Sistema de Bibliotecas e Informação, Fórum de Ciência e Cultura, Universidade
Federal do Rio de Janeiro

³Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-graduação e Pesquisa de Engenharia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

amanda@sibi.ufrj.br, lpr@adc.coppe.ufrj.br

Recebido: 27/04/2021

Aceito: 29/04/2021

Publicado: 04/05/2021

DOI: 10.51919/revista_sh.v1i0.311

Abstract. *In 2020, the world was surprised by the COVID-19 pandemic, a disease caused by coronavirus, which has a clinical spectrum ranging from asymptomatic respiratory infections to severe conditions. Alongside the pandemic, an infodemic also emerged. It consists in an excess of information, whether accurate or not, that makes it hard for people to have access to suitable sources and relevant guidelines. Given this situation, the objective of this work is a theoretical study about the perception of reality in the COVID-19 infodemic, especially in the interpretation of disinformation. The discussion is expected to identify the individual's mental aspects involved in processing the information in excess.*

Keywords. *Reality. Infodemics. COVID-19. Disinformation.*

Resumo. Em 2020, o mundo foi surpreendido pela pandemia de COVID-19, doença causada pelo coronavírus, que apresenta um espectro clínico variando de infecções respiratórias assintomáticas a quadros graves. Junto a pandemia, surgiu também a infodemia, caracterizada pelo excesso de informações, precisas ou não, que dificultam o acesso a fontes idôneas e orientações relevantes. Diante desse quadro, objetivo deste trabalho é um estudo teórico acerca da percepção da realidade na infodemia de COVID-19, especialmente na interpretação de desinformação. A expectativa é que a discussão identifique os aspectos mentais do indivíduo envolvidos no processamento da informação em excesso.

Palavras-chave. Realidade. Infodemia. COVID-19. Desinformação.

1. Introdução

Em 2020, o mundo foi marcado por um evento que há muito tempo não acontecia: uma pandemia. Iniciada em dezembro de 2019 com um surto na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei na China, a COVID-19 avançou rapidamente para outros países, até que em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou oficialmente a pandemia do novo coronavírus, recomendando uma série de medidas para conter o avanço da doença. Entre as medidas estão o isolamento social, atenção redobrada à higiene pessoal e o uso de máscaras por toda população. Isso porque a doença é caracterizada pelo contágio rápido e inclui sintomas muito diversos que vão desde infecções respiratórias assintomáticas a quadros graves de insuficiência respiratória. Diante de tantas questões desconhecidas, tanto por cientistas quanto pela população em geral, o mundo testemunha também o excesso de informações sobre o assunto, muitas delas enganosas ou falsas.

A infodemia representa o aumento substancial no volume de informações relacionadas a um assunto específico, junto com sua alta disseminação e replicação em razão de um evento pontual, como a pandemia do novo coronavírus. Essas informações podem ser precisas ou não, o que dificulta o acesso à informação útil para conter o avanço da doença. É uma espécie de hiperinformação, caracterizada pelo consumo precário da informação em excesso diante da impossibilidade da mente em processar uma grande quantidade de dados.

O consumo precário e em excesso de informações sobre determinado assunto é um dos elementos que compõem o cenário ideal para a propagação de outro problema: a desinformação, que em linhas gerais, é uma informação falsa ou imprecisa elaborada com a intenção de enganar ou justificar crenças e opiniões. Com o auxílio das redes sociais digitais, uma informação falsa pode se propagar rapidamente para milhões de usuários da rede, trazendo sérias consequências para a saúde física e mental das pessoas em meio a uma pandemia. Mas porque as pessoas acreditam ser real qualquer informação sem questionamentos ou dúvidas?

A partir da pergunta acima, o objetivo do presente trabalho é investigar a percepção da realidade na infodemia de COVID-19, especialmente no que tange à assimilação de desinformação como verdade sem questionamentos. Serão abordadas questões filosóficas e cognitivas do indivíduo no entrelace entre realidade e informação, contextualizadas no universo dinâmico da vida em rede. A expectativa é que o trabalho contribua para a valorização do conhecimento científico, ao mesmo tempo que possibilite traçar estratégias de combate à desinformação a partir do conhecimento de alguns aspectos da mente humana envolvidos nessa dinâmica de assimilação e disseminação de informações falsas ou imprecisas.

2. A infodemia de COVID-19: informação e desinformação

A pandemia de COVID-19 avançou rapidamente ao redor do mundo após a identificação do primeiro surto da doença na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Em março de 2020, a OMS declarou que o mundo enfrentava uma pandemia da doença caracterizada por vários sintomas diferentes, que vão desde infecções respiratórias assintomáticas até insuficiências respiratórias mais severas, que demandam internação

com ventilação mecânica e podem levar à morte (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020). Rapidamente, o número de contágios e de óbitos foi aumentando. Desde então, profissionais da saúde e cientistas dobraram seus esforços para conter o avanço da doença.

Embora o coronavírus faça parte de uma família de vírus conhecida, o *SARS-CoV-2* representou um verdadeiro desafio para cientistas e também para a população em geral, na tentativa de entender sua dinâmica de ação, pois pouco se conhecia sobre esse vírus especificamente. A consequência disso, foi o aumento substancial na busca e na quantidade de informações divulgadas sobre o tema, gerando o que se chama de *infodemia* (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

A infodemia pode ser definida como um excesso de informações, precisas ou não, sobre um assunto específico, disseminadas e multiplicadas rapidamente para um grande número de pessoas. Com a sociedade em rede nos tempos atuais, essas informações podem alcançar milhares de pessoas em poucos segundos (ZARACOSTAS, 2020).

Diante de tamanha oferta de informações, os limites físicos da mente humana impossibilitam o consumo adequado desse conteúdo recebido diariamente. Temos então, as condições ideais para a disseminação e assimilação de desinformação, que é caracterizada por informação falsa ou imprecisa disseminada deliberadamente para confundir ou enganar, fazendo apelo para as emoções e crenças pessoais. Ao apelar para a certeza e não para as dúvidas e curiosidades dos indivíduos, a desinformação contraria um dos objetivos da informação, que é promover uma mudança na estrutura cognitiva do ser humano (SOUSA; ROSA, 2019).

Um estudo conduzido pelas pesquisadoras da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), Claudia Galhardi e Maria Cecília de Souza Minayo, no início da pandemia do novo coronavírus, apontou dados estatísticos das redes que mais propagam informações falsas sobre o tema. A partir de denúncias recebidas pelo aplicativo *Eu Fiscalizo*, desenvolvido pelas mesmas pesquisadoras, identificou-se que:

10,5% das notícias falsas foram publicadas no Instagram, 15,8% no Facebook e 73,7% circuladas pelo WhatsApp. Os resultados também apontam que 26,6% das fake news publicadas no Facebook atribuem a Fiocruz como orientadora no que diz respeito à proteção contra o novo coronavírus.

O estudo ainda revela que 71,4% das mensagens falsas circuladas pelo WhatsApp citam a Fundação como fonte de textos sobre a COVID-19 e com medidas de proteção e combate à doença.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), juntas, somam 2% das instituições citadas como fonte de informações sobre cuidados e medidas contra o novo coronavírus em mensagens de WhatsApp (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020).

Ainda que esses dados representem um universo pequeno e contextualizado no Brasil, já é possível ter indícios do alcance das notícias falsas pelas redes sociais digitais. Numa perspectiva mais ampla, Gallotti, Valle e Castaldo (*et al.*, 2020) analisaram o risco da infodemia de COVID-19 no enfrentamento da pandemia a partir de dados oriundos de 100 milhões de mensagens do *Twitter*. Entre os resultados encontrados, a disseminação de informações imprecisas avança de forma constante durante a pandemia, inclusive entre pessoas com nível educacional alto, em diversos países. Isso representa um indício de que

em momentos em que pessoas estão mais vulneráveis e inseguras, textos que fazem apelo para emoções como medo e raiva, podem influenciar os processos mentais de percepção e julgamento da realidade.

3. A percepção da realidade em tempos de desinformação

A percepção da realidade é uma das questões fundamentais da ciência e da filosofia. A busca pela compreensão da realidade ocupa os estudos de cientistas e filósofos há séculos, sem encontrar consenso sobre essa questão. Na investigação proposta neste trabalho, as maiores contribuições vieram do século XX com os filósofos Ludwig Wittgenstein, Charles Sanders Peirce e o psicólogo Peter Cathcart Wason.

Ao analisarmos o problema da pós-verdade, buscamos entender a relação entre dois mundos: o mundo da ciência, com seus métodos, técnicas e modos de ver a realidade da natureza e da humanidade; e o mundo do indivíduo não-cientista, que busca conhecer a realidade do mundo científico através dos resultados de pesquisa publicados e divulgados em textos, de divulgação científica ou não, que se propagam nas redes sociais digitais.

Ainda que os três pensadores citados tenham desenvolvido seus estudos e teorias em uma época em que as redes sociais online ainda não existiam, os problemas e questões por eles tratados acerca do conhecimento e dos sistemas de crenças são ainda hoje relevantes e têm relação estrita com as questões da desinformação no contexto da pandemia de COVID-19.

3.1 Os Wittgensteins e o dilema entre percepção e realidade

O filósofo austríaco Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951) deixou grandes contribuições para a filosofia da linguagem, lógica e teorias da mente. O pensamento do filósofo é geralmente dividido em duas fases: o Primeiro Wittgenstein, que abrange o período inicial de seus estudos e o levou à publicação do importante “*Tractatus Logico-Philosophicus*”, de 1922 (ROSA, 2006). O Segundo Wittgenstein, compreende os seus estudos finais em que critica sua própria visão das condições lógicas as quais o pensamento e a linguagem devem atender para poder representar (ou apresentar) o mundo. Essas críticas foram compiladas e publicadas postumamente em 1953, no livro “*Investigações Filosóficas*”.

Em linhas gerais, o Primeiro Wittgenstein considera que o mundo é constituído de fatos e não de objetos, contrariando a visão atomista em emergência no início do século XX. Esses fatos seriam estados de coisas existentes na natureza. Esses estados são, portanto, combinações de objetos, que podem se combinar e rearranjar. A partir desse entendimento, os estados das coisas são reais ou uma possibilidade e o conjunto desses estados – reais e possíveis - que compõem a realidade, onde o mundo “é precisamente aqueles estados de coisas que de fato existem”. (WITTGENSTEIN, 1984)

O Segundo Wittgenstein contesta vários pontos do Primeiro. A crítica que é mais importante para o problema tratado no presente trabalho, reside na valorização de experiências passadas na forma de ver o mundo. A realidade do mundo através da linguagem e das imagens é o que ele chama de vivência visual: quando algo que é visto chega à nossa mente, se transforma em padrões que refletem nossa cultura, comportamento e o modo como vivemos. As vivências visuais seriam categorias preexistentes, que nos ajudam a perceber uma imagem (ROSA, 2006). A realidade é,

então, uma construção e não é determinada exclusivamente por agentes físicos do mundo. A partir disso, é possível dizer que Wittgenstein dá início ao construtivismo.

Por vivências entendemos, aspectos culturais, afetivos, racionais e experiências. Esse conjunto de coisas irá determinar nossas crenças e influenciar nosso julgamento da verdade – esta que deixa de ser algo universal. Esse aspecto em Wittgenstein é relevante para entender porque a desinformação avança cada vez mais: ela é criada com o propósito de resgate às crenças e emoções do indivíduo, sem implicar na constituição de conhecimento. Na psicologia cognitivista, as crenças são a base para os chamados vieses cognitivos.

3.2 Os vieses de grupo e de confirmação

Em psicologia, os vieses cognitivos são mecanismos mentais envolvidos na compreensão da realidade com base em crenças e valores já estabelecidos em nossa mente. Já foram identificados dezenas desses vieses. Para a questão da interpretação da desinformação como sendo verdade, consideramos mais relevantes os que Peter Cathcart Wason (1924-2003) denominou como viés de confirmação e viés de grupo.

Segundo Faber (2014, p. 5) o viés de confirmação é a “tendência de concordarmos com pessoas e ideias que concordam com as nossas. Você evita ver sites, jornais ou conversar com pessoas que expressam opiniões diferentes das suas? Pois é, esse é o viés”. Ainda segundo Faber (2014) o viés de confirmação é impulsionado por um atributo chamado de dissonância cognitiva, que traz desconforto mental e até físico quando suas ideias entram em choque com ideias ou opiniões rivais.

O viés de confirmação foi identificado por Wason nos anos 1960, a partir de um experimento lógico conhecido como tarefa 2-4-6, que mostrou que as pessoas buscam testar suas hipóteses de forma unilateral, procurando por dados consistentes com a hipótese atual, excluindo hipóteses alternativas (WASON, 1966). A ideia do teste era que os participantes descobrissem a regra subjacente aos números 2-4-6, que são três números em ordem ascendente de importância. Somente 21% deles descobriram a regra na primeira tentativa e 28% nunca a descobriram. Portanto, se uma pessoa está convicta de que suas hipóteses estão corretas, ela é mais suscetível a inferir que uma informação falsa é verdadeira, se esta informação confirmar suas hipóteses. Como não há dúvida, não se busca por hipóteses alternativas (GASQUE, 2020).

Em tempos de informação em rede e sendo ela consumida de forma precária, o viés de grupo também se associa ao viés de confirmação, especialmente em tempos de politização do discurso científico que acabam por conduzir as opiniões para a polarização. Pesquisado por diversos psicólogos – inclusive Wason – o viés de grupo é a “tendência de supervalorizarmos pessoas próximas e pertencentes aos nossos grupos de convívio e desvalorizarmos quem não pertence” (FABER, 2014, p. 5). Por essa razão, os estudos de Peirce acerca do raciocínio abduutivo e fixação de crenças é fundamental para a compreensão do problema.

3.3 Peirce e o benefício da dúvida

Charles Sanders Peirce (1839 -1914), foi um filósofo, pedagogo, cientista, linguista e matemático americano. Seus trabalhos deixaram todo um legado de contribuições à

lógica, matemática, filosofia e, principalmente à comunicação, com a semiótica. Peirce é considerado também um dos fundadores do pragmatismo.

No presente trabalho, destacamos a lógica da abdução. Para Peirce (1958), a lógica do raciocínio chamado de abdução se caracteriza pela introdução de uma ideia nova através das hipóteses previamente formuladas, por considerar que não é possível conhecer a verdade última das coisas, em especial no conhecimento científico. Ou seja, a verdade pura e universal não existe na realidade, mas ela é fruto de uma convecção ao chegarmos à justificação das hipóteses. Trata-se de uma formulação complexa e que pode nos levar ao erro, como por exemplo, aceitar notícias falsas por contemplarem uma causa estabelecida previamente em nossa mente (SOUSA, 2018).

Para Peirce (1958), a lógica do raciocínio abdução é a que está relacionada à criatividade das teorias científicas, que atingem seus objetivos quando partem de uma dúvida ou questão inicial. Para ele, somente a dúvida resulta em conhecimento de fato e é capaz de conduzir um indivíduo à uma crença em algo de fato verdadeiro. Mas para isso, Peirce (1958) ressalta que é preciso uma alternância constante entre o estado de irritação causado pela dúvida e o estado de conforto mental trazido pela crença. Além disso, identifica quatro métodos de fixação de crença, que podem influenciar nas vantagens e desvantagens dela para mente:

- Método da tenacidade - método mais primitivo, que implica na aceitação de uma dada resposta para uma questão. Esse método gera o apego à crença estabelecida, rejeitando qualquer coisa que pode contrariá-la. Tem relação com a dissonância cognitiva, e pode se transformar em dúvida com o convívio social.
- Método de autoridade - crença imposta por um grupo social, sob pena de castigos aos que dela discordem. Esse método é comum no meio religioso e no meio político. São crenças impostas de forma arbitrária por alguma autoridade ou pessoa em posição de destaque.
- Método *a priori* - as crenças fixadas nesse método são as que estão relacionadas aos gostos e preferências, ou seja, são crenças que se estabelecem guiadas pelas nossas inclinações e também para alcançar a sensação de conforto. Se aproxima da indução verdadeira de Bacon. Seu desenvolvimento elimina o efeito de algumas circunstâncias casuais, mas potencializa o efeito de outras.
- Método científico - É a crença que permite perceber as coisas como realmente são, ou seja, conhecer de forma verdadeira a realidade. As realidades afetam nossos sentidos de acordo com leis regulares, comuns a todos os homens. Esse método é usado para muitas coisas, exceto quando não se sabe como aplicá-lo. Além disso, o método pretende eliminar obstáculos dos outros métodos como o apego, a imposição e os gostos.

Ao examinarmos os métodos de fixação da crença de Peirce, também encontramos a importância da interferência da experiência na percepção da realidade, tal como em Wittgenstein. Contudo, ao entender que o método científico permite conhecer o mundo tal como ele é através de leis regulares (e não verdades absolutas), admite que é possível raciocinar dessa forma também na vida prática, sem os obstáculos do apego, das imposições e dos gostos, se distanciando do Segundo Wittgenstein. Charles Sanders Peirce, lança a esperança no conhecimento a partir da dúvida como solução para os erros de julgamento da verdade.

4. Considerações finais

A pandemia de COVID-19 trouxe graves consequências para o mundo em 2020. Muito além de uma crise de saúde pública, a pandemia se transformou rapidamente numa crise humanitária e social sem precedentes. Com pessoas em isolamento social, enfrentando uma doença desconhecida até mesmo para os cientistas, a alta demanda por informação agravou ainda mais o problema da desinformação.

Com a pandemia surge também a infodemia, caracterizada pelo excesso de informação sobre o evento da pandemia em circulação nas mídias. Essas informações que podem ser precisas ou não, resultam no consumo precário dessas informações agravando ainda mais o problema da propagação da desinformação, que resgata crenças e emoções dos indivíduos a partir de conteúdo deliberadamente falso. Em tempos de pandemia, informações falsas e enganosas podem colocar em risco a saúde de milhares de pessoas, dado o amplo alcance das mídias sociais.

Para o presente trabalho, três autores são fundamentais para a compreensão do porquê a desinformação é aceita tão rapidamente no contexto da infodemia. No Segundo Wittgenstein, temos a influência da vivência visual na percepção da realidade, que se baseia nas experiências vividas como a base para inferir a verdade. Peter Wason, ao aplicar testes lógicos, identifica o viés cognitivo da confirmação, em que os indivíduos tendem a justificar hipóteses pré-concebidas, rejeitando argumentos contrários ou alternativos à dada hipótese. Por fim, Peirce oferece a esperança para escapar das armadilhas das crenças: que a irritação causada pela dúvida entre em equilíbrio com o conforto que a crença traz para a alma.

A discussão filosófica apresentada de maneira breve aqui ainda está em andamento na pesquisa. Essencialmente teórica, ainda será discutida a psicopolítica em tempos de pós-verdade, numa tessitura transdisciplinar que busca pontos de contato entre esses estudos e teorias na percepção da realidade científica pelo público não-cientista em meio a pandemia de COVID-19.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os colegas de mestrado e doutorado que participam dos seminários para orientação organizados pelo prof. Pinguelli. Suas opiniões e críticas foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

FABER, J. Viés cognitivo: quando ser racional não é o bastante. **Revista Ciências em Saúde**, v. 4, n. 4, out-dez, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21876/rcsfmit.v4i4.536>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Pesquisa revela dados sobre 'fake news' relacionadas à COVID-19. **Notícias**, 15 de abril de 2020. Disponível em:

<<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-fake-news-relacionadas-COVID-19>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

GALLOTTI, R. *et al.* Assessing the risks of ‘infodemics’ in response to COVID-19 epidemics. **Nature Human Behavior**, v. 4, p. 1285–1293, dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41562-020-00994-6>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

GASQUE, K. C. G. D. **Percepções e estratégias relacionadas ao “viés de confirmação” por pesquisadores no processo de busca e uso da informação.** 2020. 138 f. Monografia (Pós-doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/37925>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. **Banco de Notícias**, 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-COVID-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. **Folheto informativo**, n. 5, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PEIRCE, C. S. **Collected papers of Charles Sanders Peirce.** Cambridge: Harvard Univ. Press, 1958.

ROSA, L. P. **Tecnociências e humanidades:** novos paradigmas, velhas questões. São Paulo: Paz e Terra, 2006. v. 2.

SOUSA, A. M. de. A informação científica e o público leigo. **Revista Scientiarum Historia**, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/219>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SOUSA, A. M. de.; ROSA, L. P. Fake news na ciência: contribuição teórica para o universo conceitual da informação, desinformação e hiperinformação. **Revista Scientiarum Historia**, v. 2, n. 1, 2019. Disponível em: <<http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/98>>. Acesso em 20 nov. 2020.

WASON, P. C. Reasoning. In: FOSS, B. **New horizons in psychology.** Harmondsworth, UK: Penguin, 1966, p. 135–151.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas.** São Paulo: Abril, 1984. [publicado originalmente em 1953].

ZAROCOSTAS, J. How to fight an infodemic. **The Lancet**, v. 395, n. 10225, p. 676, 2020. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext?fbclid=IwAR3uJg-fc1mLflQZuxlNKw2HHuyg7R036PSy3nTwW55T053IMZIVtVXgw2M](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext?fbclid=IwAR3uJg-fc1mLflQZuxlNKw2HHuyg7R036PSy3nTwW55T053IMZIVtVXgw2M)>. Acesso em: 20 nov. 2020.